

## A relação analógico-digital no jornalismo multiplataforma<sup>1</sup>

Pedro Paula de Oliveira VASCONCELOS<sup>2</sup>  
Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

### RESUMO

A lógica multiplataforma é uma das características fundamentais do ecossistema midiático contemporâneo. Trata-se de um modelo polivalente de produção e distribuição de conteúdo em diferentes meios ou suportes interligados entre si, com o propósito de acessar audiências migratórias, descentralizadas e heterogêneas (ALZAMORA, 2017; CANAVILHAS, 2013; DOMINGO et al., 2007; DOYLE, 2015; GRUSZYNSKI, 2015; MARTÍNEZ-COSTA; SALAVERRÍA; BREINER, 2019; SALAVERRÍA, 2010, 2021; SALAVERRÍA; NEGREDO, 2008; SCOLARI, 2018, 2021). Embora a digitalização e o advento da internet comercial tenham potencializado tal fenômeno, hoje há iniciativas plurimidiáticas que recorrem também a experiências, dispositivos ou canais analógicos, até como forma de inovar, expandir os relatos e acessar novos públicos. Nosso objetivo, portanto, é apresentar, do ponto de vista teórico, a possibilidade de integração analógico-digital (ou online-offline) em projetos de jornalismo multiplataforma, elencando, ainda, quatro exemplos dessa prática amplamente referenciados no âmbito latino-americano: a) *De barrio somos*; b) *Mujeres en venta*; c) *Pregoneros de Medellín* e d) *Dossiês Tudo Sobre*. Para isso, vamos recorrer à pesquisa bibliográfica (LIMA; MIOTO, 2007) e, de modo específico, ao conceito de convergência midiática – processo que vem incentiando a mistura de terminais, linguagens e cenas comunicativas. Segundo Balbi (2017), a ideia de convergência chegou ao discurso acadêmico no início dos anos 1980 e se popularizou na década seguinte, quando passou a descrever inúmeras mudanças socioculturais, técnicas, políticas, industriais e econômicas. Apesar da polissemia e dos distintos usos, Peil e Sparviero (2017) indicam a predominância diacrônica do viés tecnológico. A grande utopia da convergência, inclusive, foi a suposição de que muitas ferramentas se combinariam em um só aparelho, uma espécie de supermídia (HERKMAN, 2012), designada por Jenkins (2008, p. 42) de “caixa preta”. Alguns autores, porém, questionam

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 5 – Comunicação Multimídia do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 18 a 20 de maio de 2022.

<sup>2</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia. E-mail: [pedrovasconcelos2309@gmail.com](mailto:pedrovasconcelos2309@gmail.com).

noções tecnocentristas de convergência. Para O’Sullivan e Fortunati (2021), a depender do olhar, o termo pode sugerir rupturas absolutas com o passado, o que levaria, agora nas palavras de Herkman (2012), a uma universalização redutora. Se a complexidade do cenário atual favorece a aglutinação de conteúdos e até a fagocitose do ‘velho’ pelo ‘novo’, ela admite ao mesmo tempo a face oposta, apoiada na “diversidade de artefatos, práticas e matrizes sociotécnicas” (PELLEGRINO, 2008, p. 82). Como nunca, proliferam gadgets e meios de comunicação de toda natureza (HERKMAN, 2012). Peil e Sparveiro (2017) falam de diferenciação, disparidade, fragmentação, divergência e espalhamento – em vez de tão somente unificação ou indistinção: “os usuários têm de encarar um ambiente extremamente sofisticado, de múltiplas tecnologias e uma ampla gama de funcionalidades” (PEIL; SPARVIEIRO, 2017, p. 9). Na era do jornalismo *hi-tech* (LÓPEZ-GARCÍA; VIZOSO, 2021), ainda é possível discernir identidades midiáticas específicas, pois elementos histórico-institucionais impedem a erosão completa dos limites entre as plataformas (FAGERJOURD; STORSUL, 2007; HERKMAN, 2012; PEIL; SPARVIEIRO, 2017). Ao lado dos movimentos centrípetos de fusão, persiste um arranjo alternativo, de interfaces que mantêm funções sociais, públicos e modos de apropriação singulares. Nesse caso, os suportes, no lugar de se substituírem ou se concentrarem, aproximam-se via “fluxo de conteúdos” (JENKINS, 2008, p. 23), cabendo ao consumidor buscá-los em seus contextos de origem. Estão aí as condições teóricas para a articulação analógico-digital. Importante esclarecer que o termo *analógico* abrange desde dispositivos e formatos clássicos da comunicação eletromecânica (SANTAELLA, 1997) – revista e jornal impresso, livro, jornal mural, emissão de áudio, fanzine, gibi, folder, cartaz etc. – até práticas menos habituais, mas com enorme capacidade expressiva e editorial: palestras, feiras, rotas guiadas, projeções urbanas, instalações, exposições, performances, degustações ou qualquer outro *lócus* onde “um relato possa ser contado” (MOLONEY, 2012, p. 26). Nos últimos anos, universidades, laboratórios e coletivos da América Latina vêm apostando em projetos desse tipo (COSTA-SANCHÉZ; LÓPEZ-GARCÍA, 2021; IRIGARAY; LOVATO, 2021; VÁZQUEZ-HERRERO; BENITO; REVELLO-MOURIZ, 2021). Um exemplo é a ação transmídia *De barrio somos* (2018), focada nos clubes de bairro de Rosário, tradicionais espaços de cidadania, sociabilidade, e lazer naquela cidade argentina. O website, que reúne vídeos, uma série documental e um e-book de crônicas, constitui a plataforma de referência (FECHINE, 2018).

Entretanto, além dessa matriz online, há peças genuinamente analógicas, como um jogo de tabuleiro, com perguntas sobre a história dos bairros de Rosário, e um álbum de figurinhas, trazendo os ídolos de cada clube. A mesma cidade também acolhe a experiência multiplataforma *Mujeres en Venta* (2015), que denuncia redes de exploração sexual. Embora boa parte do projeto esteja na página da internet (webdocumentário, comic, galeria de imagens e mapa colaborativo), a iniciativa ganhou as ruas, em um movimento autointitulado *campaña de intervención callejera*, cujo propósito foi transmitir mensagens de sensibilização através de placas de LED e outdoors espalhados por áreas de grande movimento. Já na Colômbia, o especial *Pregoneros de Medellín* (2015) narra a rotina de comerciantes que vendem cantando. O texto-base é um documentário interativo, através do qual o consumidor percorre, virtualmente, o Centro da metrópole colombiana, conhece diferentes personagens e acessa novas informações, numa lógica de imersão e jogabilidade. Durante um período determinado, a ação agregou ao eixo digital duas exposições presenciais: a primeira, itinerante, exibiu, em escolas e galerias de arte da Colômbia, 30 fotografias dos *pregoneros*; a segunda, fixa e interativa, permitiu à comunidade conhecer e manusear objetos que só tinham aparecido no webdoc. Finalmente, resta mencionar a série de dossiês *Tudo Sobre*, organizada pelo jornal Folha de São Paulo de 2013 a 2016. Sete temas relevantes à época (construção da usina de Belo Monte; 50 anos do início da Ditadura Civil-Militar; crise hídrica na região Sudeste; contrabando; transformações na cidade do Rio de Janeiro para os Jogos Olímpicos de 2016; desmatamento e *Aedes aegypti*) foram abordados em grandes reportagens multimídia, aplicativos, redes sociais e blog. A exemplo dos anteriores, esse projeto recebeu desdobramentos offline – especificamente três debates e dois seminários realizados na sede da Folha. O público participou *in loco* e vivenciou um “contato direto com os jornalistas e as fontes” (MACEDO, 2019, p. 93). Para concluir, acreditamos que esta pesquisa reforça os estudos de cibercultura e jornalismo multiplataforma ao enfatizar a possibilidade de integração entre mídias ou experiências online e offline – um aspecto observado na empiria, como procuramos mostrar, mas pouco trabalhado no âmbito teórico. Não se trata de questionar a centralidade do ambiente digital (BOCZOKWSKI; MITCHELSTEIN, 2021), mas sim de considerar que o analógico ainda medeia inúmeros aspectos das nossas vidas (MOLONEY, 2012; SANTAELLA, 2010); que, em consequência disso, os dois universos se influenciam recursivamente (BALBI;

MAGAUDDA, 2018) e que aproximar suportes, eventos ou práticas de naturezas diversas pode significar pluralidade, inovação e acesso a novos públicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo multiplataforma; convergência midiática; digital; analógico.

## REFERÊNCIAS

ALZAMORA, Geane. El periodismo multiplataforma de TV3 en Facebook sobre el 9-N: ¿Prácticas intermedia o transmedia? **Comunicació: revista de recerca i d'anàlisi**, v. 34, n.1, p. 83-105, 2017.

BALBI, Gabriele. Deconstructing “media convergence”: A cultural history of the buzzword, 1980s-2010s. In: SPARVIERO, Sergio; PEIL, Corinna; BALBI, Gabriele (Eds.). **Media Convergence and Deconvergence**. Palgrave Macmillan, 2017. p. 31-51.

BALBI, Gabriele. MAGAUDDA, Paolo. **A history of digital media: an intermedia and global perspective**. Nova York / Abingdon: Routledge, 2018.

BOCZKOWSKI, Pablo; MITCHELSTEIN, Eugenia. **The digital environment: How we live, learn, work, and play now**. MIT Press, 2021.

CANAVILHAS, João. El periodismo en los tiempos de un nuevo ecosistema mediático: propuestas para la enseñanza superior. **Historia y Comunicación Social**, v. 18, p. 511-521, 2013.

COSTA-SÁNCHEZ, Carmen; LÓPEZ-GARCÍA, Xosé. Narrativas transmedia sociales en el ámbito hispanoamericano (2014- 2018). **Arte, Individuo y Sociedad**, v. 1, n. 33, p. 237-257, 2021.

DOMINGO, David et al. **Four Dimensions of Journalistic Convergence: a preliminary approach to current media trends at Spain**. 2007.

DOYLE, Gillian. Multi-platform media and the miracle of the loaves and fishes. **Journal of media business studies**, v. 12, n. 1, p. 49-65, 2015.

FAGERJORD, Anders; STORSUL, Tanja. Questioning Convergence. In: STORSUL, Tanja; STUEDAHL, Dagny (Eds.). **Ambivalence Towards Convergence: Digitalization and Media Change**. Gotemburgo: Nordicom, 2007. p. 19-31.

FECHINE, Yvana. Transmídiação como modelo de produção: uma abordagem a partir de estudos da televisão e de linguagem. In: SANTAELLA, Lúcia; MASSAROLO, João; NESTERIUK, Sérgio. **Desafios da transmídia: processos e poéticas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018. p. 42-63.

GRUSZYNSKI, Ana Cláudia. Design editorial e publicação multiplataforma. **Intexto**, n. 34, p. 571-588, 2015.

HERKMAN, Juha. Introduction: Intermediality as a Theory and Methodology. In: HERKMAN, Juha; HUANEN, Taisto; OINONEN, Paavo (Eds.). **Intermediality and Media Change**. Tampere: University of Tampere, 2012. p. 10-27.

IRIGARAY, Fernando; LOVATO, Anahí. La no-ficción latinoamericana: del documental interactivo al documental transmedia. **Hipertext.net**, v. 23, p. 1-5, 2021.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

LIMA, Telma; MIOTO, Regina. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálisis**, v. 10, p. 37-45, 2007.

LÓPEZ-GARCÍA, Xosé; VIZOSO, Ángel. Periodismo de alta tecnología: signo de los tiempos digitales del tercer milenio. **Profesional de la información**, v. 30, n. 3, p. 1-12, 2021.

MACEDO, Marcos. **Narrativa transmídia jornalística**: estratégias e procedimentos nos dossiês *Tudo Sobre*. 2019. 162 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

MARTÍNEZ-COSTA, María del Pilar; SALAVERRÍA, Ramón; BREINER, James. El ecosistema que viene. In: TOURAL-BRAN, Carlos; LÓPEZ-GARCÍA, Xosé. **Ecosistema de los cibermedios en España**: tipologías, iniciativas, tendencias narrativas y desafíos. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2019. p. 225-240.

MOLONEY, Kevin. **Transmedia journalism as a post-digital narrative**. Denver: University of Colorado Press, 2012.

O'SULLIVAN, John; FORTUNATI, Leopoldina. Media convergence. In: BALBI, Gabriele et al. (Eds.). **Digital Roots**: Historicizing Media and Communication Concepts of the Digital Age. Berlin & Boston: De Gruyter Oldenbourg, 2021. p. 41-58.

PEIL, Corinna; SPARVIERO, Sergio. Media Convergence Meets Deconvergence. In: SPARVIERO, Sergio; PEIL, Corinna; BALBI, Gabriele (Eds.). **Media Convergence and Deconvergence**. Palgrave Macmillan, 2017. p. 1-30.

PELLEGRINO, Giuseppina. Convergence and saturation. Ecologies of artefacts in mobile and ubiquitous interaction. In: NYÍRI, Kristof. **Integration and ubiquity**: towards a philosophy of telecommunications convergence. Viena: Passagen Verlag, 2008. p. 75-82.

SALAVERRÍA, Ramón. Estructura de la convergencia. In: LÓPEZ, Xosé; PEREIRA, Xosé (Eds.). **Convergencia digital**: reconfiguración de los medios de comunicación en España. Santiago de Compostela: Servicio Editorial de la Universidad de Santiago de Compostela, 2010, p. 27-40.

SALAVERRÍA, Ramón. Veinticinco años de evolución del ecosistema periodístico digital en España. In: SALAVERRÍA, Ramón; MARTÍNEZ-COSTA, María (Org.). **Medios nativos digitales en España**: caracterización y tendencias. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2021, p. 21-31.

SALAVERRÍA, Ramón; NEGREDO, Samuel. **Periodismo integrado**: convergencia de medios y reorganización de redacciones. Barcelona: Editorial Sol90, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano**: Da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTAELLA, Lucia. O homem e as máquinas. In: DOMINGUES, Diana. **A arte no século XXI: a humanização das tecnologias**. Unesp, 1997. p. 33-44.

SCOLARI, Carlos. Adiós Sociedad Líquida. Bienvenida sociedade gasosa. **Hipermediaciones**, 13 ago. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3zpIFWP>. Acesso em: 28 ago. 2021.

SCOLARI, Carlos. Media Evolution. In: NAPOLI, M. **Mediated Communication**. Napoli, Berlin & Boston: De Gruyter Mouton, 2018. p. 149-168.

VÁZQUEZ-HERRERO, Jorge; BENITO, Lucila; REVELLO-MOURIZ, Natalua. Documental interactivo y transmedia en América Latina: proyectos destacados y tendencias. **Hipertext.net**, v. 23, p. 7-20, 2021.